

DIAGNÓSTICO DEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL DOS CAMELÔS EM BELO HORIZONTE

*Lára de Melo Barbosa**
*Flávia Cristina Drumond Andrade***

1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente trabalho foi realizado a partir das informações coletadas por meio do *survey*, denominado “Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte”. A motivação para a escolha deste tema, deveu-se à importância crescente que o setor informal tem adquirido na economia brasileira e, em especial, nas principais cidades do país, dentre as quais se inclui o município de Belo Horizonte.

Nos últimos anos, o mercado informal tem ocupado um lugar de destaque no conjunto do mercado de trabalho, tanto em termos ocupacionais como de renda para a população brasileira. O excesso de oferta de mão-de-obra no Brasil não tem se traduzido em elevadas taxas de desemprego, mas sim numa grande precarização dos postos de trabalho, marcadamente pela existência de um enorme segmento da economia de base informal (Pero, Urani, 1994). Assim, grande parte da População Economicamente Ativa (PEA) tem ocupado empregos sem contratos formais – empregos com carteira de trabalho assinada.

Segundo Ramos, Reis (1998) a capacidade de absorção da mão-de-obra no setor industrial, nos anos 90, estaria paulatinamente diminuindo no Brasil e como este setor de atividade é o que oferece o maior número de postos de trabalho de qualidade¹, nestas circunstâncias amplia-se as chances dos indivíduos virem a ocupar postos no mercado informal, aumentando a tendência de precarização dos empregos.

* Doutoranda em Demografia no CEDEPLAR/UFMG.

** Mestre em Demografia pelo CEDEPLAR/UFMG e assistente de pesquisa do PRONEX. As autoras agradecem às Professoras Ignez Helena O. Perpétuo e Simone Wajnman e os colegas Dayse Xavier, Luiza de Marilac de Souza, Regina Oliveira e Victor Canazas.

1 Tradicionalmente entende-se por postos de trabalho de qualidade, aqueles cujos salários são maiores, há proteção trabalhista, oportunidade de treinamento e desenvolvimento do trabalhador (Ramos, Reis, 1998).

Vale destacar que estas transformações vem ocorrendo principalmente em centros urbanos, sendo que grande parte desse setor informal concentra-se principalmente nas áreas metropolitanas, sendo que a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) insere-se neste contexto. A RMBH verificou, entre 1991 e 1995, um aumento na participação dos empregados sem carteira no total de ocupados de 21,8% para 25,7% (Araújo, Souza, 1996), sendo que parte desse contingente de empregados sem carteira tem buscado seu sustento mais especificamente na atividade denominada de camelô. Os camelôs são constituídos por indivíduos mercadores que vendem nas ruas, praças e nas calçadas, bugigangas ou outros artigos.

Dado este aumento do setor informal uma questão importante a ser investigada diz respeito aos fatores que motivaram a inserção no mercado informal, em particular na atividade como camelô. Nesse sentido, o interesse é avaliar em que medida esta inserção se deu como um refúgio para os trabalhadores que perderam seus postos no mercado formal (pela incapacidade de absorção de mão-de-obra no setor formal da economia) ou, alternativamente, por opção dos indivíduos em trabalhar em uma atividade mais flexível.

Dessa forma, pretende-se investigar a população que trabalha como *camelô* na área central do município de Belo Horizonte, buscando:

- identificar suas características socioeconômicas;
- descrever a história ocupacional recente do camelô;
- descrever sua inserção no mercado informal e identificar os motivos que levaram a esta inserção;
- avaliar suas percepções e pretensões em relação ao mercado de trabalho.

2 METODOLOGIA DO SURVEY

A pesquisa sobre o perfil sócio-ocupacional dos camelôs, de natureza descritiva, foi desenvolvida através de um *survey*², com entrevistas diretas, elaboradas por meio de questionários. A escolha do método de questionários

2 Um *survey* coleta informações de uma amostra, sendo que os componentes desta amostra podem ser indivíduos, empresas ou outras unidades dependendo do objeto do estudo. Assim, os *surveys* são caracterizados por um conjunto de dados estruturados ou sistematizados que são coletados a fim de obter um conjunto de informações/atributos para cada variável, as quais são obtidas para cada caso/observação.

deveu-se ao fato de que buscava-se obter informações dos indivíduos que efetivamente trabalhavam como camelôs e não somente com os proprietários e prepostos³ que são registrados na Regional Centro-Sul da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH). Foram aplicados 139 questionários, entre 19 de julho e 09 de agosto de 1999, aos indivíduos que, no momento da entrevista, encontravam-se atuando como vendedores nas barracas licenciadas pela PBH. Foram selecionadas somente barracas localizadas na região do hipercentro de Belo Horizonte, visto que esta área apresenta uma alta concentração de camelôs, segundo informações prestadas pela PBH. Em cada barraca foi selecionado somente um indivíduo.

A área de estudo tinha como ponto central a Praça Sete e seus limites foram os logradouros: Av. Santos Dumont, Rua da Bahia, Av. Augusto de Lima, Rua Curitiba, Rua Tupis, Av. Olegário Maciel, Rua dos Caetés. Foram tomados 44 quarteirões, dos quais tinha-se informações prévias de uma alta densidade de camelôs. Estes quarteirões foram divididos em seis áreas, as quais foram sorteadas entre os seis pesquisadores. Cada um destes deveria entrevistar 25 camelôs (barracas). Todavia, uma das áreas apresentou problemas, fato que implicou numa redução de 150 para 139 questionários.

A amostragem deste estudo foi realizada selecionando-se os entrevistados de modo intencional, com o propósito de obter informações que permitissem caracterizar a população de interesse da maneira mais adequada possível. Contudo, vale frisar que o desenho original da amostra não garante que ela represente a população total de camelôs instalados na área central de Belo Horizonte. Por outro lado, esta pesquisa fornece conclusões preliminares a respeito deste estrato populacional, podendo então contribuir como ponto de partida para um desenvolvimento de uma pesquisa posterior sobre este tema.

O questionário foi composto por questões fechadas e abertas. As abertas, cujas informações foram consideradas bastante complexas para que os entrevistados pudessem responder sozinhos, estimularam a opção pelo sistema de entrevistas e não pelo auto-preenchimento do questionário. Este procedimento também foi adotado de modo a dirimir possíveis distorções do entendimento das questões pelos respondentes.

3 Durante o período de pré-teste percebeu-se que alguns proprietários de barracas empregavam indivíduos que não eram registrados junto à PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Dessa forma, não se teria como captar os empregados que de fato trabalhavam como camelôs. Nesse sentido, outros métodos de coleta de dados como envio de cartas ou realização de entrevistas por telefone não se mostravam satisfatórios visto que só captariam informações dos responsáveis (proprietários/prepostos) da barraca.

Na construção do questionário buscou-se definir operacionalmente as características socioeconômicas, a história ocupacional recente, a inserção no mercado informal e os motivos que levaram os entrevistados a inserção no mercado informal como camelôs.

O primeiro passo na construção do questionário consistiu na elaboração da identificação do mesmo (número do questionário; data da entrevista – dia, mês e ano; a identificação do entrevistador). Além disso, incluiu-se uma variável de identificação do principal produto vendido na barraca. Esta variável foi, posteriormente, categorizada segundo grandes grupos: produtos alimentícios; artigos domésticos; roupas; bijuterias e óculos; bolsas, cintos e sapatos; relógios e afins; diversos pessoais; brinquedos e eletrônicos; CDs e diversos.

Em seguida, buscou-se caracterizar a atividade do camelô, para tanto, questionou-se sobre o número de dias trabalhados por semana, o número de horas que o camelô trabalha diariamente, o número de indivíduos que trabalha na barraca, a posição do mesmo (proprietário/preposto, empregado com carteira assinada, empregado sem carteira assinada, familiar do proprietário, outro) e o tempo pelo qual o mesmo exercia a atividade como camelô.

Posteriormente a esta identificação, procedeu-se à análise das características socioeconômicas, sendo estas definidas como um conjunto de atributos apresentados pelos camelôs da área central de Belo Horizonte. Definiu-se a dimensão social com as seguintes variáveis: idade, sexo, lugar de residência e nível educacional. A dimensão econômica foi captada através das variáveis relativas à renda (retirada mensal) na atividade de camelô e, se o entrevistado possui outra fonte de renda, sua retirada mensal total.

A idade foi captada perguntando-se sobre qual a data de nascimento (dia, mês e ano). Para efeitos de mensuração e análise, a variável idade, mensurada em anos, foi agrupada em três (3) categorias: 15 a 24; de 25 a 34, de 35 a 44 e 45 e mais. O sexo, definido biologicamente, foi somente anotado diretamente pelo entrevistador. O lugar de residência foi captado a partir da pergunta “Qual a cidade em que você mora?”, ou seja, buscou-se o município onde o camelô residia. As opções de resposta foram aquelas referentes a alguns municípios da RMBH (Contagem, Belo Horizonte, Betim, Esmeraldas, Ibirité e Ribeirão das Neves) e uma categoria “outros”. De acordo com os resultados obtidos foram incorporados as opções Santa Luzia e Sabará devido à alta frequência de suas respostas.

A variável educação foi mensurada perguntando-se sobre qual a última série e grau da escola concluído com aprovação pelo entrevistado. Neste

caso, a informação foi coletada em questão aberta, as quais foram posteriormente agregadas no banco de dados.

A retirada mensal na atividade como camelô foi informada pelo mesmo como o salário mensal médio em um mês normal, informado em reais, e categorizado em grandes grupos de renda em salários mínimos (menos de um salário; 1 a 2 salários; 2 a 3 salários, e mais de 3 salários, não tem renda monetária). No caso da retirada mensal total o questionário apresentou as mesmas opções de categorização da retirada mensal na atividade de camelô.

Para a construção das variáveis que mensuram a história ocupacional recente do camelô questionou-se se o entrevistado havia trabalhado em algum outro lugar antes de ser camelô. No caso da resposta ser positiva, perguntou-se qual a atividade que o mesmo havia exercido antes de ser camelô, em que setor e o tempo de permanência nesta outra atividade. Além disso, o mesmo foi questionado sobre a natureza desta ocupação (emprego com carteira, funcionário público, empregado sem carteira, bicos, trabalhos temporários, autônomo, trabalhador não remunerado, trabalhador doméstico, empregador e outros). De modo a complementar a mensuração da história ocupacional do camelô, este foi questionado sobre a realização de outra atividade paralela à atividade de camelô, qual era esta atividade e qual a natureza da mesma (empregado com carteira, empregado sem carteira, trabalhador não-remunerado, trabalhador doméstico, empregador, conta-própria e outro). Para fins de operacionalização das variáveis atividade anterior à de camelô e atividade paralela à de camelô, agrupou-se as ocupações de duas formas, a primeira utilizando a definição de ramos de atividade segundo as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD) e a segunda a partir da classificação do IBGE (1994).

Em seguida, buscou-se traçar a história de inserção no mercado de trabalho e os motivos que levaram o indivíduo a ser camelô. Isto foi operacionalizado a partir de duas variáveis: razão principal pela qual o camelô havia saído da atividade anterior e o motivo principal que o levou a ser camelô. A variável razão para ter saído da atividade anterior foi categorizada nas seguintes opções de resposta: para ser camelô; foi demitido; pediu demissão; aposentadoria; abandono de emprego; acidente/problemas de saúde; fim do contrato temporário e outros. A variável motivo principal que o levou a ser camelô foi organizada nos seguintes itens: independência, negócio próprio, não ter patrão, horário flexível; melhor remuneração; não conseguiu emprego, por dificuldade no mercado de trabalho; não conseguiu emprego, por deficiência física; motivos familiares e outros, sendo a estas foram adicionadas as opções: gosta da profissão e aposentadoria. Este procedimento foi adotado com base nas respostas especificadas obtidas na categoria “outro”.

De forma a complementar a análise questionou-se se o camelô havia ficado desempregado entre o trabalho anterior e ser camelô (sim – inclusive bico e não), bem como o tempo deste desemprego que foi categorizado da seguinte forma: menos de 1 ano, de 1 a 4 anos, 5 a 9 anos e mais de 10 anos.

Por último o camelô foi inquirido sobre sua pretensão de trabalhar formalmente com carteira assinada. Esta variável foi operacionalizada através da seguinte questão: “se tivesse oportunidade gostaria de ter um trabalho com carteira assinada?”.

O formato definitivo do questionário possui 36 variáveis, as quais foram agrupadas em três seções: identificação do questionário, características da atividade do camelô e a identificação pessoal do entrevistado.

2.1 Análise dos resultados

2.1.1 Caracterização da atividade do camelô

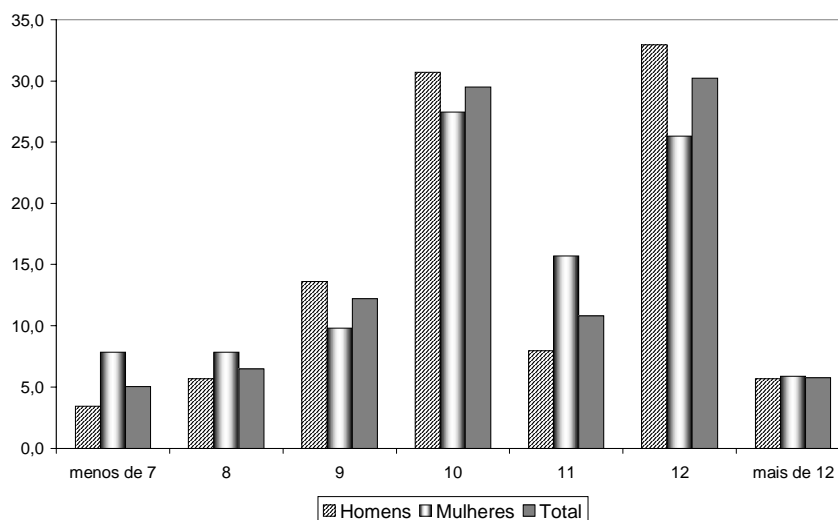
De um total de 139 entrevistados, 73,4% declararam trabalhar seis dias por semana e 11,5% os sete dias da semana, ou seja, praticamente 90% do total de camelôs trabalham seis ou mais dias por semana. Desagregando por sexo, observou-se que existiam poucas diferenças entre homens e mulheres, vale notar que os homens apresentam um percentual ligeiramente maior no número de dias trabalhados para aqueles que responderam a categoria “sete dias por semana” (12,5% para os homens contra 9,8% para as mulheres).

Com respeito ao quesito sobre horas de trabalho na atividade de camelô, a grande maioria dos indivíduos trabalham entre 8 e 12 horas por dia (89%). O Gráfico 1 ilustra, por sexo, o número médio de horas trabalhadas por dia. As mulheres apresentam percentuais maiores de horas trabalhadas nas duas primeiras categorias (menos de 7 e 8 horas), isto pode ocorrer devido ao fato destas mulheres desempenharem atividades domésticas em seus lares. Os homens, de modo geral, concentram seus turnos de trabalho nas categorias maiores que 9 horas. Interessante notar, a repulsa pela categoria 11 horas, o que denota uma preferência pelos números vizinhos (10 e 12).

A grande maioria dos indivíduos trabalham sozinhos ou dividem a tarefa com apenas uma outra pessoa (88%). Os restantes 12% dividem com duas ou mais pessoas. Mais de 70% dos que trabalham sozinhos são proprietários, enquanto que aqueles que dividem a tarefa com mais uma pessoa são basicamente proprietários (42,2%) ou empregados sem carteira (40,6%).

Gráfico 1

HORAS TRABALHADAS, EM MÉDIA, PELO CAMELÔ POR DIA



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

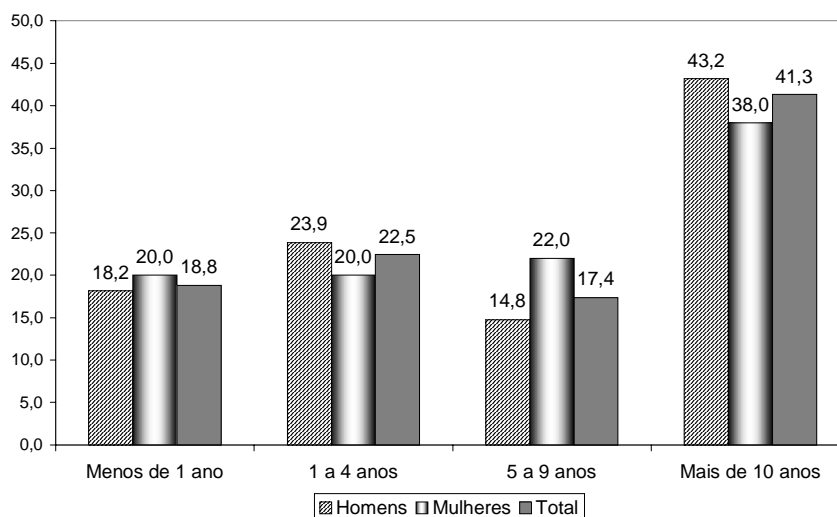
Os principais produtos vendidos são: produtos alimentícios (18,3%), roupas (16%); bijuterias e óculos (16%), brinquedos e eletrônicos (10,7%), artigos domésticos (9,2%), os demais (relógios e afins; bolsas, cintos e sapatos; CDs e diversos) totalizaram cerca de 30%.

Uma parte bastante significativa dos entrevistados era constituída por proprietários (56%), seguida pela categoria “empregado sem carteira” (29,5%) e de “familiares do proprietário” (11,5%). Os restantes 2,9% foram incluídos na categoria “outros”. Os resultados também permitem inferir que não há diferencial na posição na barraca segundo o sexo do entrevistado.

Quando questionados acerca do tempo na atividade de camelô, 41,3% dos entrevistados declararam exercer tal atividade há mais de 10 anos. Nesta categoria, as mulheres tiveram um percentual ligeiramente inferior (38%) frente àquele referentes aos homens (43,2%). A distribuição entre as demais categorias de resposta, de uma forma geral, situou-se em torno de 20%. Um ponto a ser destacado é que o percentual para o primeiro grupo, referente ao exercício da atividade por um tempo inferior a um (1) ano, também situa-se por volta de 20%, sendo que a amplitude do intervalo é bem menor frente às demais categorias (Gráfico 2).

Gráfico 2

TEMPO NA ATIVIDADE DE CAMELÔ DA REGIÃO CENTRAL DE BELO HORIZONTE, POR SEXO



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Entre os que estão na atividade há menos de um ano e de 1 a 4 anos, destacam-se os empregados sem carteira – 53,8% e 58,1%, respectivamente, por outro lado, à medida em que se avança no tempo como camelô nota-se um aumento da participação dos proprietários, valor que alcança 91,2% entre os que estão na atividade há mais de 10 anos (Tabela 1).

Tabela 1

POSIÇÃO NA BARRACA E TEMPO NA ATIVIDADE COMO CAMELÔ

Posição na Barraca	Menos de 1 ano	1 a 4 anos	5 a 9 anos	Mais de 10 anos
Proprietário	19,2	29,0	50,0	91,2
Empregado sem carteira	53,8	58,1	33,3	1,8
Familiar do proprietário	15,4	9,7	16,7	7,0
Outros	11,5	3,2	0,0	0,0
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

2.1.2 Características socioeconômicas dos camelôs

• *Dimensão social*

Entre os entrevistados na amostra, 88 são homens – representando a grande maioria dos camelôs entrevistados que trabalham na região central de Belo Horizonte (63,3%) e apenas 51 destes eram do sexo feminino (36,6%).

Dos que declararam a idade (138), um percentual de 34% dos camelôs tinham idades entre 15 e 24 anos, outros 24% tinham entre 25 e 34 anos, 22% entre 35 e 44 anos e finalmente 20% dos camelôs tinham idades superiores a 45 anos. Dessa forma, pode-se concluir que cerca de 58% dos entrevistados tinham idade inferior a 34 anos, fato que demonstra uma relativa juventude dos camelôs. A Tabela 2 mostra que há semelhança na participação nos dois primeiros grupos, entre homens e mulheres, a diferença fica por conta dos dois grupos de idade mais elevadas. De modo que a idade média dos homens que trabalham como camelôs é de 33,2 anos, enquanto que entre as mulheres é de 32,6.

Tabela 2

DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA RELATIVA
DA POPULAÇÃO DE CAMELÔS DA REGIÃO CENTRAL
DE BELO HORIZONTE, POR SEXO

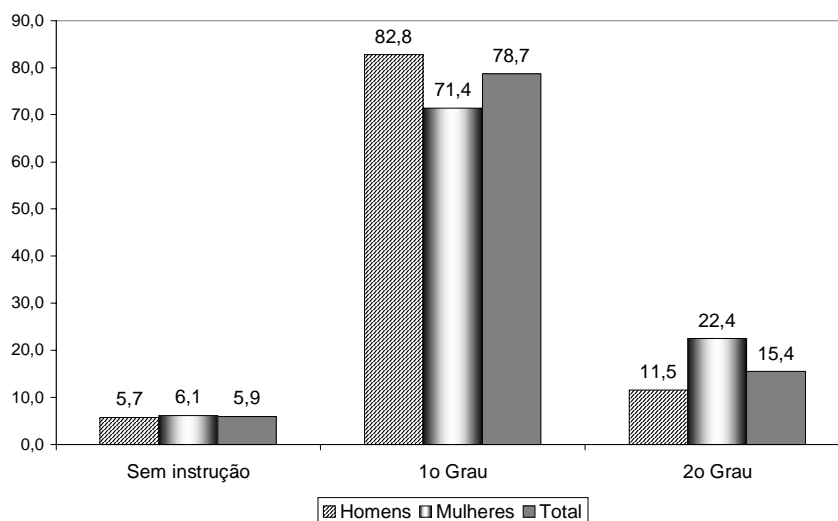
Idades	Homens	Mulheres	Total
15-24	33,3	35,3	34,1
25-34	25,3	21,6	23,9
35-44	18,4	27,5	21,7
45 e mais	23,0	15,7	20,3
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Com relação à escolaridade, identificou-se que a grande maioria dos entrevistados reportaram um baixo nível de escolaridade, tendo em vista que 79% dos mesmos freqüentavam ou haviam concluído somente o 1º Grau. Dentro desta perspectiva, apenas 15% afirmaram estar freqüentando ou haver concluído o 2º Grau e 6% não tinham nenhuma escolaridade. Desagregando por sexo, é interessante destacar que as mulheres apresentam uma maior participação na categoria 2º Grau, com uma diferença de aproximadamente 11 pontos percentuais (Gráfico 3), fato que demonstra uma melhor escolaridade das mulheres frente aos homens.

Gráfico 3

ÚLTIMO GRAU DA ESCOLA QUE O CAMELÔ DA REGIÃO CENTRAL DE BELO HORIZONTE CONCLUIU COM APROVAÇÃO, POR SEXO



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

De acordo com a Tabela 3, observa-se que, entre aqueles que responderam 1º Grau, apenas 21% haviam completado a 8ª série. Por outro lado, dentre os que declararam o 2º Grau, 71% não alcançaram a 3ª série, portanto não concluíram tal Grau. Os resultados indicam que apenas 31,6% dos entrevistados que responderam a estes quesitos haviam completado o 1º Grau, fato que reforça a observação acerca da baixa escolaridade dos camelôs na região central de Belo Horizonte.

A análise do quesito local de residência pode ser utilizado como um indicador de como a expansão urbana pode ser distinta da dinâmica do mercado de trabalho. Os resultados apontam que mais da metade (56,1%) dos entrevistados residem no mesmo local de trabalho (Belo Horizonte), assim 43,9% restantes necessitam se deslocar diariamente da cidade em que reside para Belo Horizonte (local de trabalho). Dos não residentes em Belo Horizonte, 12,9% residem no município de Contagem, 12,9% em Santa Luzia e os demais (18%) residem em outros municípios circunvizinhos de Belo Horizonte (Esmeraldas, Betim, Ibirité, Ribeirão das Neves, Sabará e outros).

Tabela 3

ÚLTIMA SÉRIE E GRAU DA ESCOLA QUE O CAMELÔ DA REGIÃO CENTRAL DE BELO HORIZONTE CONCLUIU COM APROVAÇÃO

Série	Grau de instrução							
	Sem instrução		1º Grau		2º Grau		Não respondeu	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
0	8	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
1	0	0,0	2	1,9	8	38,1	0	0,0
2	0	0,0	10	9,3	7	33,3	0	0,0
3	0	0,0	10	9,3	6	28,6	0	0,0
4	0	0,0	31	29,0	0	0,0	0	0,0
5	0	0,0	9	8,4	0	0,0	0	0,0
6	0	0,0	9	8,4	0	0,0	0	0,0
7	0	0,0	13	12,1	0	0,0	0	0,0
8	0	0,0	22	20,6	0	0,0	0	0,0
98	0	0,0	1	0,9	0	0,0	3	100,0
<i>Total</i>	<i>8</i>	<i>100,0</i>	<i>107</i>	<i>100,0</i>	<i>21</i>	<i>100,0</i>	<i>3</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

• *Dimensão econômica*

Questionados sobre se a atividade como camelô é a sua única fonte de renda, a grande maioria dos entrevistados (88,5%) respondeu que sim. Resultado que é compatível com o número de dias e horas trabalhadas, visto que a grande maioria dos camelôs apresenta jornadas de trabalho incompatíveis com a realização de outras atividades. Em relação aos que declaram que tinham outra fonte de renda – 10,8% do total de entrevistados, 46% destes recebiam aposentadoria/auxílio doença/pensão, 40% tinham renda proveniente de empregos sem carteira/bicos/trabalhos autônomos e 13% de aluguel.

Dessa forma, a retirada mensal dos entrevistados é composta basicamente pela atividade como camelô. A maior parte deles recebe entre 1 e 2 salários mínimos – 52,5%. Outros 35,2% dos entrevistados declararam receber salários superiores a 2 salários mínimos. Apenas 5% reportaram receber menos de 1 salário mínimo (SM). De um modo geral, tanto para os homens quanto para as mulheres, o que se constata empiricamente é um aumento da participação da categoria “proprietários” nas rendas mais elevadas e, por outro lado, os empregados sem carteira contribuem mais fortemente nos menores níveis renda (Tabela 4).

Tabela 4

RETIRADA MENSAL COMO CAMELÔ
SEGUNDO A POSIÇÃO NA BARRACA E O SEXO

	Retirada mensal como camelô			
	menos de 1 SM	1 a 2 SM	2 a 3 SM	mais de 3 SM
Homens				
Proprietário	33,3	43,8	77,8	64,3
Empregado sem carteira	66,7	43,8	16,7	7,1
Familiar do proprietário	0,0	10,4	0,0	21,4
Outros	0,0	2,1	5,6	7,1
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>
Mulheres				
Proprietário	25,0	44,0	86,7	100,0
Empregado sem carteira	50,0	44,0	0,0	0,0
Familiar do proprietário	25,0	12,0	6,7	0,0
Outros	0,0	0,0	6,7	0,0
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

• *História ocupacional do camelô*

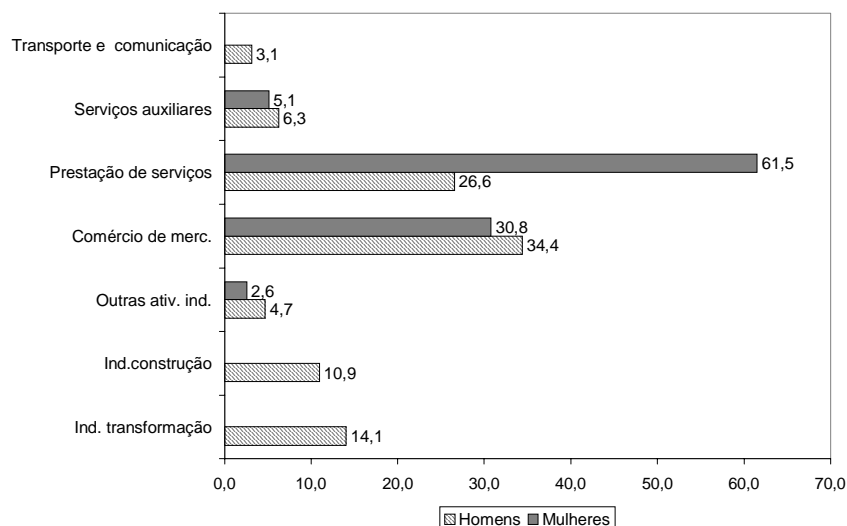
Inicialmente, objetivando identificar a história ocupacional dos camelôs, estes foram perguntados se haviam exercido outra atividade antes de ser camelô. Os resultados da pesquisa indicaram que 75,5% dos entrevistados responderam que já haviam trabalhado em outro lugar e os restantes, 24,5%, que não. Daqueles que responderam positivamente a esta questão, inquiriu-se qual era esta atividade anterior. Estas atividades foram categorizadas inicialmente segundo os ramos de atividade. Os resultados revelaram que os maiores percentuais foram os das seguintes categorias: prestação de serviços (39,8%), comércio de mercadorias (33%), indústria de transformação (8,7%), indústria da construção (6,8%) e demais ramos (11,7%)⁴. Desagregando-se segundo o sexo, observa-se, entre as mulheres, uma elevada proporção de camelôs oriundas do ramo prestação de serviços (61,5%), seguido do comércio de mercadorias (30,8%), o que totaliza mais de 90%. Entre os homens, estes ramos também são predominantes, totalizando cerca de 60%, entretanto um percentual significativo (29,7%) são oriundos dos setores industriais (Gráfico 4). Dessa forma, dificuldades no setor industrial tendem a impactar mais fortemente os

4 Outras atividades industriais, serviços auxiliares das atividades econômicas, transporte e comunicação. Não se observou nenhuma observação relativa ao ramo agrícola, social, administração pública e outras atividades, atividades mal definidas ou não declaradas.

homens do que as mulheres, por outro lado, estas são mais suscetíveis às mudanças ocorridas no setor comércio e serviços. Ressalta-se que estes resultados são reflexo das diferentes participações de homens e mulheres nos setores considerados. Segundo as estimativas da Pesquisa de Emprego e Desemprego, desenvolvida, em 1999, pela Fundação João Pinheiro/DIEESE/SETASCAD/SEADE, 18,2% dos homens da RMBH encontravam-se empregados no setor industrial e apenas 9,2% das mulheres, em contrapartida, 76,4% das mulheres se encontram no setor de serviços ou serviços domésticos, valor bem superior ao encontrado para os homens (50,2%). Nesse sentido, estes dados corroboram com a assertiva acima.

Gráfico 4

RAMOS DE ATIVIDADE DOS CAMELÔS NA ATIVIDADE ANTERIOR, SEGUNDO O SEXO



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

As atividades anteriores dos camelôs também foram classificadas segundo a proposta pelo IBGE (1994) que discrimina as atividades segundo os níveis de qualificação requeridos para o exercício das mesmas. Nesta classificação, tem-se três grandes grupos: superior, médio e manual. Os resultados apontaram que 79,2% destas atividades eram “manuais” enquanto que o restante (20,8%) foram consideradas atividades “médias”. Não foi registrado nenhum caso referente à categoria superior, sinalizando que os atuais camelôs

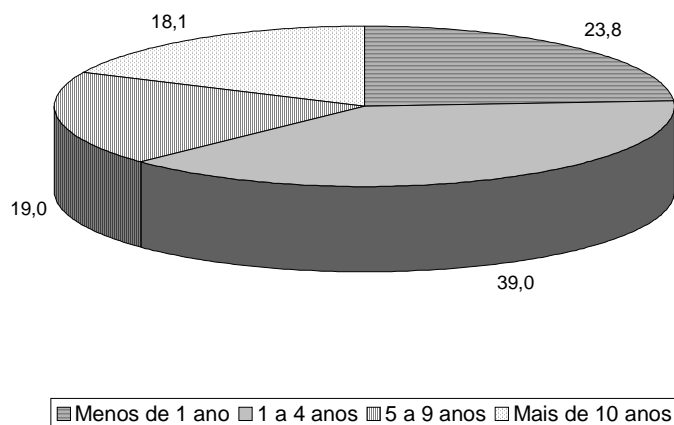
encontravam-se inseridos no mercado de trabalho em ocupações que requeriam um baixo nível de qualificação.

Ao se avaliar o ramo da atividade anterior, por sexo, nota-se que as mulheres apresentavam uma maior proporção oriundas de atividades consideradas médias *vis-à-vis* os homens (30,8% contra 14,5%), fato que corrobora com os dados sobre nível educacional, os quais indicam uma educação média maior entre as mulheres.

Em seguida, o entrevistado foi inquirido sobre o tempo em que havia permanecido na atividade anterior à de camelô: 62,9% dos entrevistados haviam permanecido por menos de 4 anos, por outro lado, 18,1% haviam trabalhado por mais de 10 anos (Gráfico 5). Chama atenção o alto percentual obtido referente a categoria “menos de 1 ano” – 23,8%, resultado que pode indicar uma alta mobilidade dos entrevistados em seus empregos.

Gráfico 5

TEMPO DE TRABALHO NA ATIVIDADE ANTERIOR A DE CAMELÔ



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Os entrevistados informaram ainda se neste emprego anterior eram empregados com carteira/funcionários públicos ou empregados sem carteira (bicos/trabalhos temporários/autônomos) ou empregados domésticos. Mais da metade (53,3%) dos camelôs que tinham tido uma atividade anterior responde-

ram que eram empregados com carteira ou funcionários públicos, enquanto que 45,7% trabalhavam em ocupações sem carteira. Menos de 1% declararam ser empregados domésticos.

De forma complementar a análise da história sócio-ocupacional dos camelôs, questionou-se também sobre a existência de atividade paralela. Os resultados mostraram claramente que a atividade como camelô é totalmente absorvedora do tempo dos mesmos. Somente 4 indivíduos declararam ter uma atividade paralela, três destes são músicos cuja a atividade é eventual e ocorre em alguns finais de semanas do mês e o último exerce uma atividade no setor de serviços de manutenção (ajudante de pedreiro nos finais de semana). Este resultado corrobora àquele referente ao tempo médio de horas trabalhadas na atividade como camelô, no qual a grande maioria dos entrevistados trabalhavam entre 10 e 12 horas diárias.

2.1.4 História de inserção no mercado informal (camelô)

Buscando analisar a história da inserção no trabalho como camelô, questionou-se inicialmente a principal razão para o indivíduo ter saído da atividade anterior. Os resultados mostraram que grande parte dos entrevistados declararam “ter sido demitido” (40%), seguido “pediu demissão” (32,4%). Cerca de 12,4% afirmaram ter saído da atividade anterior para exercer a de camelô e os restantes 15,2% foram agregados na categoria “outros”, que engloba os seguintes motivos: aposentadoria, abandono de emprego, acidente/problema de saúde e pelo final do contrato de trabalho temporário.

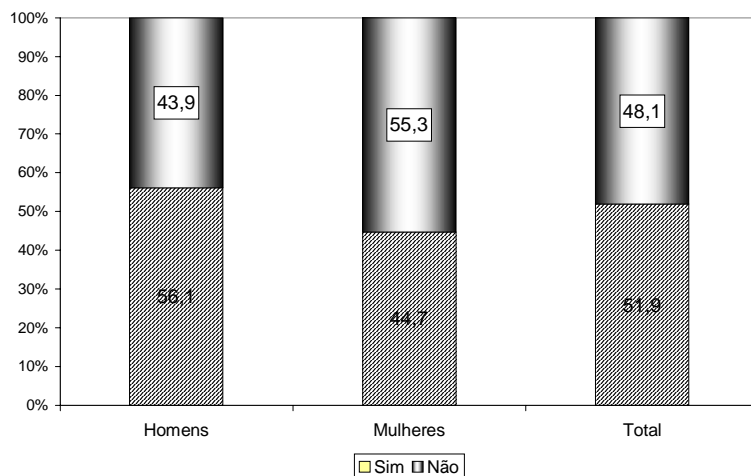
Quando indagados se haviam ficado desempregados entre a saída do emprego anterior e a inserção no mercado como camelô, mais da metade dos entrevistados (51,9%) responderam ter ficado desempregados⁵. Entre as mulheres, o percentual apresenta-se um pouco menor comparativamente aos homens (44,7% e 56,1%, respectivamente) como mostra o Gráfico 6.

Dentre os que declararam ter ficado desempregados, as mulheres foram as que declararam ter permanecido mais tempo desempregadas, 53% destas ficaram mais de 1 ano desempregadas, sendo que 5,9% ficaram mais de 10 anos, enquanto que nenhum homem foi classificado nesta categoria (Gráfico 7). Todavia, cumpre destacar que somente 40% dos entrevistados eram elegíveis nesta questão, fato que pode comprometer os resultados.

5 Esta variável não mensura adequadamente o desemprego de forma clássica, vez que os camelôs não foram questionados se haviam tomado alguma providência para conseguir emprego.

Gráfico 6

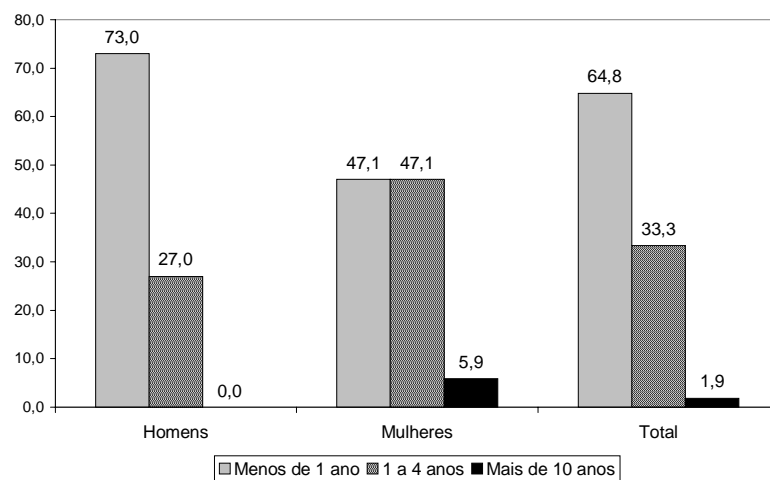
DESEMPREGO ENTRE A ATIVIDADE ANTERIOR E SER CAMELÔ,
POR SEXO



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Gráfico 7

TEMPO DE DESEMPREGO ENTRE A ATIVIDADE ANTERIOR
E A DE CAMELÔ, POR SEXO



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

A Tabela 5 mostra que o principal motivo que levou o entrevistado a ser camelô foi a “dificuldade no mercado de trabalho” (48,2%). Entre os homens, as respostas referentes a este motivo tiveram um percentual de 47,1% e, entre as mulheres, este percentual apresenta-se ainda maior – 50%. O segundo principal motivo reportado foi “melhor remuneração” que obteve o percentual de 17,5% no total dos entrevistados. Uma outra razão que apresentou percentuais significativos foram aqueles relacionados aos motivos familiares (16,8%), seguido daquele que faz referência à facilidade da atividade como camelô (independência, negócio próprio, não ter patrão, horário flexível), cujo percentual situou-se em torno de 11%.

Tabela 5

PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVARAM O ENTREVISTADO A SER CAMELÔ, POR SEXO

Motivos	Homens	Mulheres	Total
Independência/negócio próprio/não ter patrão/horário flexível	12,6	8,0	10,9
Melhor remuneração	17,2	18,0	17,5
Não conseguiu emprego/dificuldade no mercado de trabalho	47,1	50,0	48,2
Não conseguiu emprego por deficiência física	2,3	2,0	2,2
Motivos familiares	16,1	18,0	16,8
Outros	4,6	4,0	4,4
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Relacionando-se o motivo de ser camelô com a qualificação da atividade anterior, evidencia-se que há uma maior proporção de camelôs oriundos de atividades manuais que reportaram os motivos de ser camelô por dificuldades no mercado de trabalho e melhor remuneração comparativamente aos oriundos de atividades médias. Fato que pode indicar uma busca alternativa de inserção no mercado de trabalho, paralelamente a uma melhor remuneração.

Questionados se gostariam de ter um trabalho com carteira assinada, a maioria dos indivíduos declarou que gostaria (58%). Os que responderam que não gostariam de mudar para um emprego com carteira representam 27,2% do total dos entrevistados e os restantes (14,7%) afirmaram que a decisão dependeria do salário na outra atividade, da empatia pelo patrão e das condições de trabalho. Os resultados da pesquisa também indicaram que não há diferencial entre os sexos.

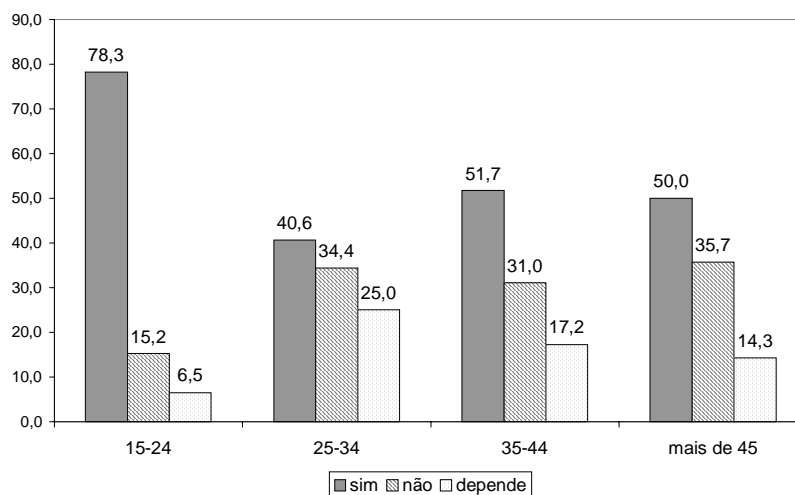
Cumprido destacar que estes resultados concordam com o estudo realizado por Pero e Urani (1994), no qual foi estimado um percentual de 63% para aqueles que gostariam de mudar para um emprego com carteira assinada. Vale ressaltar que em seu estudo os autores trabalharam com os dados da

PNAD 1989 analisando todo o contingente de trabalhadores alocados nos segmentos informais, nas regiões metropolitanas.

O Gráfico 8 indica que os jovens são os que mais preferiam ter carteira assinada, enquanto que os mais velhos apresentam percentuais maiores na categoria “não”. Dos que tinham idade entre 15 e 24 anos, 78% gostariam de ter um emprego com carteira, enquanto que o grupo de idade superior a 45 anos apresenta um percentual de 50%, ou seja, uma diferença de aproximadamente 30 pontos percentuais.

Gráfico 8

VOCÊ GOSTARIA DE TER UM EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA?
POR GRUPOS ETÁRIOS



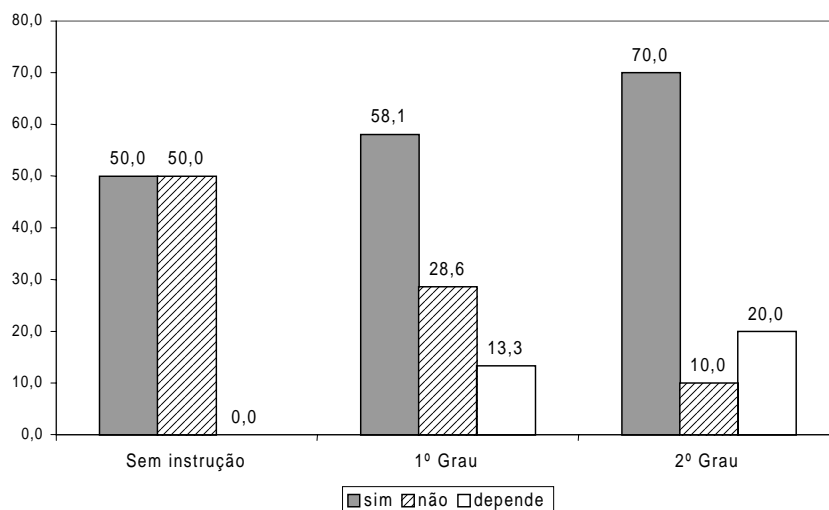
Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 9, pode-se concluir que à medida em que aumenta o nível educacional, os entrevistados tendem a preferir um emprego com carteira assinada. Dos que responderam ter ou estar cursando o 2º grau, 70% gostariam de ter um emprego com carteira assinada, valor bem acima das demais categorias. Resultado que difere com o trabalho de Pero e Urani (1994) que afirmam:

“o interesse dos trabalhadores por conta própria em mudar para um emprego formal varia inversamente com o nível educacional” (1994, p. 554).

Gráfico 9

VOCÊ GOSTARIA DE TER UM EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA?
POR NÍVEL EDUCACIONAL



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Uma das razões que pode ser levantada para esta diferença reside no fato dos trabalhos estarem trabalhando com estratos populacionais diferentes: trabalhadores por conta própria e camelôs. O universo dos trabalhadores por conta própria é bastante heterogêneo e contempla ocupações que exigem desde baixas a altas qualificações. Os indivíduos melhor educados e que se encontram bem estabelecidos em suas atividades e com remunerações satisfatórias apresentam pouco interesse em ter um emprego formal, enquanto que no caso dos camelôs, os de maior escolaridade vêem possibilidades reais de melhoria de sua remuneração no mercado formal.

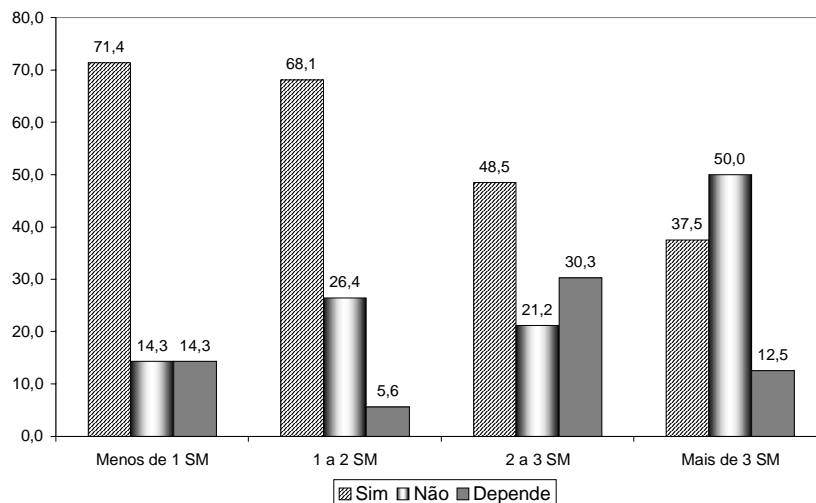
Em suma, os resultados obtidos mostram que a proporção de camelôs que gostaria de ter um emprego com carteira assinada é maior entre aqueles com maiores níveis educacionais. Fato que pode decorrer destes vislumbrarem melhores postos de trabalho dado um maior nível de qualificação relativamente aos demais. Por outro lado, entre os menos educados, o percentual daqueles que gostariam de ter um emprego com carteira é menor visto que apresentam uma menor qualificação e, dado que o mercado formal é mais exigente, estes teriam menores chances de ocupar bons postos de trabalho e, portanto, estariam em ocupações com salários menores. Desta forma, estes aca-

bam por optar pela informalidade, vez que o rendimento como camelô é, muitas vezes, maior.

Por último, o Gráfico 10 mostra que os camelôs que apresentavam os menores rendimentos são os que mais preferiam ter um emprego com carteira assinada, ou seja, à medida em que aumentam os rendimentos na ocupação como camelô, menores são os percentuais de indivíduos que preferiam um emprego com carteira assinada. Este fato vem acrescentar uma nova dimensão ao resultado observado no Gráfico 9. Os indivíduos mais educados ou os que recebem menos são os que mais desejariam um emprego com carteira assinada, por outro lado, os menos educados ou os que ganham mais são os que preferiam o mercado informal. De modo a tentar elucidar estes resultados, apresenta-se na Tabela 6, a distribuição dos camelôs segundo o nível de instrução e o nível de rendimentos. Os resultados mostram que à medida em que aumentam as faixas de rendimento aumenta o percentual dos indivíduos com maiores níveis educacionais, todavia, dada a grande concentração de respostas referentes ao 1º Grau, torna-se difícil a análise acerca da preferência por carteira assinada levando-se em conta os níveis educacionais e os rendimentos dos camelôs.

Gráfico 10

VOCÊ GOSTARIA DE TER UM EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA?
POR NÍVEL RENDIMENTO NA OCUPAÇÃO COMO CAMELÔ



Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Tabela 6

DISTRIBUIÇÃO DOS CAMELÔS SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO E NÍVEL DE RENDIMENTOS NA ATIVIDADE COMO CAMELÔ

Nível de instrução	menos de 1 SM	1 a 2 SM	2 a 3 SM	mais de 3 SM
Sem instrução	0,0	6,9	0,0	6,3
1º Grau	85,7	80,6	84,4	68,8
2º Grau	14,3	12,5	15,6	25,0
<i>Total</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

Ainda buscando identificar quais os camelôs preferiam a carteira assinada, obteve-se que são justamente os proprietários aqueles que menos responderam “sim” (44,7% gostariam de ter um emprego com carteira assinada), enquanto que os empregados sem carteira foram os que mais gostariam de obter um emprego com carteira (80,5%). Dessa forma, fica claro que, como os proprietários estão estabelecidos, são estes os que menos gostariam de ter um emprego com carteira ou têm dúvida sobre a decisão de mudar para um emprego com carteira assinada uma vez que o percentual de resposta referente a categoria “depende” atinge um percentual de aproximadamente 20% (Tabela 7).

Tabela 7

VOCÊ GOSTARIA DE UM EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA? POR POSIÇÃO NA BARRACA

	Sim	Não	Depende	Total
Proprietário	44,7	36,8	18,4	100,0
Empregado sem carteira assinada	80,5	9,8	9,8	100,0
Familiar do proprietário	60,0	33,3	6,7	100,0
Outros	75,0	0,0	25,0	100,0

Fonte: Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o crescimento do mercado informal nos últimos anos, vários estudos têm buscado avaliar a natureza deste mercado e os condicionantes de seu crescimento e dinâmica. O presente trabalho buscou avaliar em que medida o setor informal se constitui numa opção do trabalhador ou se o mercado informal apenas funciona absorvendo o excedente de trabalhadores “expulsos” do setor formal, tendo em vista que, a capacidade de absorção da mão-de-obra, principalmente pelo setor industrial vem, paulatinamente, diminuindo no Brasil.

Os dados obtidos no presente trabalho mostram que, entre os camelôs que haviam tido alguma atividade anterior, cerca de 53% eram empregados com carteira e 46% já faziam parte do mercado informal. Desta forma, observou-se que boa parte dos camelôs já se encontrava à margem do mercado formal.

Questionados acerca dos motivos que os levaram a ser camelô, cerca de metade deles declararam que a opção pela atividade de camelô foi imposta pela dificuldade no mercado de trabalho, seguidos dos motivos “melhor remuneração” e “motivos familiares”, sendo que neste último caso, a existência de um membro da família que já trabalhasse como camelô foi declarada como um motivo que muito facilitou a inserção destes. Somente uma pequena parte declarou ter optado pelo trabalho de camelô pelas facilidades da atividade (independência, negócio próprio, flexibilidade de horário, dentre outros). Assim, conclui-se que boa parte dos trabalhadores entrevistados tiveram dificuldades no mercado, fato que os motivou a trabalhar como camelô.

Importante destacar que mais da metade dos camelôs declararam que gostariam de ter um emprego com carteira assinada, sendo que esta preferência é maior entre os mais jovens, bem como entre os com maior nível educacional. Cumpre ainda mencionar que o grupo dos empregados sem carteira é o que mais gostaria de ter um emprego no setor formal e também aqueles que ganham menos de 1 salário mínimo. Dessa forma, vê-se que boa parte dos camelôs apesar de se encontrarem no mercado informal, gostaria de conseguir um trabalho com carteira assinada. Questionados sobre o motivo que os faria preferir um emprego com carteira, vários informaram que gostariam devido às garantias trabalhistas.

Outro interessante resultado da pesquisa refere-se ao fato de que, cerca de um terço dos camelôs entrevistados eram empregados sem carteira assinada, sendo que, vários declararam receber um salário fixo, ou seja, estabeleceu-se no mercado informal dos camelôs uma relação trabalhista de assalariamento sem carteira assinada. Além disso, todos os que se declararam “empregados” trabalhavam pelo menos cinco dias por semana, com uma jornada mínima de oito horas diárias. Encontrou-se que 83% destes trabalhavam seis ou sete dias por semana e 76% mais de dez horas diárias. De acordo com o Decreto 9165/97, de 16 de abril de 1997, os camelôs somente poderiam se ausentar da barraca de 12:00 às 14:00 (horário de almoço) podendo ser substituídos por seus auxiliares ou prepostos. Assim, os resultados encontrados na pesquisa “Perfil sócio-ocupacional dos camelôs em Belo Horizonte” demonstraram que alguns proprietários de barraca não têm seguido estritamente a legislação em vigor, visto que seus substitutos ficam em tempo integral nas barracas. A seguir tem-se a íntegra do Decreto 9165/97.

“CONCEDE AO LICENCIADO, NOS TERMOS DO DECRETO Nº 8.402, DE 04 DE SETEMBRO DE 1995, PERMISSÃO PARA AUSENTAR-SE DO LOCAL DE SUAS ATIVIDADES COMERCIAIS NO HORÁRIO DE 12:00 ÀS 14:00 HORAS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. O Prefeito de Belo Horizonte, no uso de suas atribuições legais,

DECRETA:

Art. 1º – O vendedor ambulante ou camelô licenciado para a exploração de bancas , barracas ou carrinhos em logradouros do Município, poderá ausentar-se do local de suas atividades comerciais no horário compreendido entre 12:00 e 14:00 horas.

Parágrafo único – No horário previsto neste artigo, poderá o vendedor ambulante ou camelô ser substituído pelo seu preposto ou auxiliar.

Art. 2º – Os casos de ausências do vendedor ambulante e do camelô em seu horário de atividades comerciais, em virtude de doença, acidentes e motivos de força maior justificáveis, mediante comprovação, serão resolvidos pelas respectivas Administrações Regionais.

Art. 3º – Este Decreto entra em vigor no prazo de 30 (trinta) dias contados da data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Belo Horizonte, 16 de abril de 1997.”

4 BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, T. P., SOUZA, A. V. Mercado de trabalho metropolitanos: diferenças inter-regionais. In : ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10, 1996, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1996. v. 1, p. 465-482.

IBGE. *Mapa do Mercado de Trabalho*. Rio de Janeiro, n. 2, 1994.

PERO, V., URANI, A. Determinantes do Excesso de Mão-de-Obra do Setor Formal do Mercado de Trabalho Metropolitano. *Perspectivas da Economia Brasileira*, Rio de Janeiro, IPEA, v. 2, p. 541-560, 1994.

RAMOS, L., REIS, J. G. A. Emprego no Brasil nos Anos 90. *A Economia Brasileira em Perspectiva*, Rio de Janeiro, IPEA, v. 2, p. 501-532, 1998.